

A novilíngua bolivariana – uma linguagem apropriada para a estratégia político-midiática de Hugo Chávez

Álvaro Nunes Laranjeira *

Carla Candida Rizzotto **

Elizangela Rodrigues ***

Resumo:

A partir da novilíngua apresentada por George Orwell, em seu livro 1984, este artigo pretende apresentar os indícios de que, a fim de conquistar o apoio da população, e assim conseguir promover a revolução que levará a Venezuela ao socialismo apregoado pelo Movimento Revolucionário Bolivariano (MRB), o presidente Hugo Chávez tem criado uma linguagem específica (a “novilíngua bolivariana”), apoiado em Simón Bolívar – militar venezuelano considerado herói na história da independência de vários países sul-americanos –, moldando uma sociedade sem espaço para divergências ideológicas. Em seguida, mostramos que, para alcançar seus objetivos, Chávez necessita também do apoio da mídia de massa, que se mostrou um importante ator político no país, diante dos fatos ocorridos em 2007, e, para isso, a criação da Televisora Venezolana Social (TEVES) é um instrumento importante, uma vez que ela se apropria dessa linguagem, defendendo o sucesso da dita revolução bolivariana chavista.

Palavras-chave:

Novilíngua; Revolução Bolivariana; Hugo Chávez, Televisora Venezolana Social.

1. Introdução

Em 27 de maio de 2007 venceu a concessão da utilização do espaço radioeletrônico da rede de televisão privada *Rádio Caracas Televisión* (RCTV), na Venezuela. O governo venezuelano decidiu não renovar a licença e no mesmo espectro da RCTV, no Canal 2, surgiu uma nova televisão, a estatal *Televisora Venezolana Social* (TEVES).

Diante desses fatos que resultaram em um conflito político-midiático comentado no mundo todo, surgiu a motivação para analisar como o Estado pretende utilizar essa nova rede de televisão a serviço de seus interesses, em direção à Venezuela socialista pretendida pelo Movimento Revolucionário Bolivariano (MRB), fundado e liderado pelo presidente Hugo Chávez.

Por meio da observação inicial verificou-se que o discurso da diretora-presidente da TEVES, Líl Rodríguez, na ocasião do início das transmissões da TEVES em 28 de maio de 2007, era, em

* Álvaro Nunes Laranjeira é professor do Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e um dos líderes do grupo de pesquisa JORXXI. E-mail: alvaro.laranjeira@utp.br

** Carla Candida Rizzotto é aluna do Mestrado em Comunicação e Linguagens da UTP e participa do grupo de pesquisa JORXXI. E-mail: carla_rizzotto@yahoo.com.br

*** Elizangela Rodrigues é aluna especial do Mestrado em Comunicação e Linguagens da UTP e integrante do grupo de pesquisa JORXXI. E-mail: rodrigues_elizangela@yahoo.com.br

muitos momentos, semelhante aos discursos de Hugo Chávez. Essa similitude resultou no problema de pesquisa deste artigo: quais são as características encontradas nos discursos de Hugo Chávez que caracterizam a criação de uma linguagem específica que ajude na realização de seus objetivos? E mais, como essa linguagem está sendo apropriada pela TEVES desde os primeiros momentos de sua existência?

Nessa linguagem específica são encontradas características que a aproximam da *novilíngua* criada por George Orwell, na obra *1984*, que pretendia acabar com as possibilidades de divergências ideológica e política na sociedade. Chávez, desde o seu surgimento como figura política, em 1992, quando participou de um malogrado golpe de Estado contra o então presidente Carlos Andrés Pérez, tem se apropriado da figura do herói libertador Simón Bolívar para realizar seus projetos. É daí que vêm os nomes do “Movimento Revolucionário Bolivariano” e da “República Bolivariana de Venezuela”. Com isso, parece fácil assumir como certo que o nome da linguagem explicitada acima venha a ser a “novilíngua bolivariana”.

Aparentemente, a pretensão do presidente Chávez ao utilizar determinadas expressões em seus discursos é também de acabar com o espaço para divergências políticas na Venezuela, fazendo com que a população, ao se identificar com ele, assuma o discurso bolivariano como seu e passe a lutar também pela idealizada revolução socialista.

Primeiramente este artigo traz uma revisão de literatura com base em Michel Foucault, a fim de discorrer sobre as relações que se dão entre o discurso e o poder, baseado na idéia de Foucault de que todo discurso é um exercício de poder; e em George Orwell, que percebeu que o Estado que pretende conquistar e manter o poder precisa fundamentalmente controlar a linguagem, e idealizou a *novilíngua*, a qual condensaria a visão do Estado e a impropriedade em questioná-la.

Em seguida, explica brevemente como surgiu o Movimento Revolucionário Bolivariano e quais são os seus principais projetos de transformação da sociedade, e também o histórico da *Televisora Venezolana Social*, para contextualizar o conflito ocorrido em 2007 na Venezuela.

A partir disso, faz uma análise de alguns discursos do presidente Hugo Chávez, elencando as principais características que o fazem o porta-voz de uma linguagem peculiar, a “novilíngua bolivariana”. Finalmente, este artigo mostra como a TEVES também se apropriou dessa linguagem, pois como mídia de massa tem um papel fundamental de auxílio na divulgação dos projetos do

Estado.

2. A construção do poder através de um vocabulário peculiar

A forte relação entre discurso e poder já é estudada há tempos por diversos autores, entre eles Michel Foucault, em *A ordem do discurso*. Foucault explica que:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p. 10)

Foucault mostra que o discurso não realiza somente o papel de profetizar o futuro, mas muito mais do que isso, ao suscitar a adesão da sociedade, contribui para a realização dessa profetização. Quer dizer, “(...) a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação e sua referência”. (FOUCAULT, 1996, p. 15)

1984, de George Orwell, é um bom exemplo da utilização do discurso para a manutenção do poder e concretização dos objetivos pretendidos, como explicitado acima. Nele, Orwell pretendia promover um alerta para o perigo do surgimento de uma sociedade controlada pelos dispositivos de vigilância, representando o temor ao totalitarismo.

O livro foi escrito em 1948, ano marcado pelas conseqüências da Segunda Guerra Mundial, dos horrores do nazismo, da emergência da Guerra Fria, bem como pelo surgimento dos meios de comunicação de massa (especialmente a televisão, que era vista como uma possibilidade certa de termos nossas vidas vigiadas e, acima de tudo, controladas). É este contexto que levou o autor, e diversos outros, a elaborarem teses sobre a relação entre os detentores do poder e a sociedade, ou entre os governantes e os governados.

Orwell imaginou uma sociedade repleta de dispositivos de vigilância, que visavam à disciplina e obediência da população ao partido. Para Foucault, a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso: “Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras”. (FOUCAULT, 1996, p. 36). Dentre esses dispositivos, em primeiro lugar, o Grande Irmão, uma figura fictícia criada para atemorizar os

indivíduos e legitimar a existência daquele que “tudo vê”: “Mas o rosto do Grande Irmão pareceu persistir por vários segundos na tela, como se o seu impacto nas pupilas fosse forte demais para esmaecer tão rápido”. (ORWELL, 2006, p. 18) Através dele, Orwell faz sua crítica ao culto à personalidade que perdurava na figura de Stálin, na União Soviética, assim como na Itália com Mussolini e na Alemanha com Hitler.

O *Grande Irmão* é o líder do partido *Ingsoc*, que tem como lema “Guerra é Paz. Liberdade é Escravidão. Ignorância é Força”. E se utiliza de alguns elementos específicos para manter o equilíbrio da sociedade e a dominação exercida pelo partido. Dentre esses elementos destacam-se os ministérios, que entre si dividiam todas as funções do governo, ou mais precisamente uma que resumia todas - a de repressão: o Ministério da Verdade (Miniver em Novilíngua), o Ministério da Paz (Minipaz), o Ministério do Amor (Miniamo) e o Ministério da Fartura (Minifarto); as teletelas, que eram dispositivos de vigilância que estavam em todos os lugares vigiando os indivíduos; e a *novilíngua*, utilizada para satisfazer as necessidades ideológicas do partido: “O objetivo da Novilíngua não era apenas oferecer um meio de expressão para a cosmovisão e para os hábitos mentais próprios dos devotos do Ingsoc [Socialismo Inglês], mas também impossibilitar outras formas de pensamento” (ORWELL, 2006, p. 287).

Para alcançar esse objetivo, a *novilíngua* pretendia diminuir a extensão do pensamento através de eliminação de sinônimos e fusão de palavras, o que resultaria na redução do vocabulário, restringindo os seus significados, em especial, os heterodoxos, tornando as pessoas vulneráveis ao Partido. Era composta de três vocabulários: A, B e C. O grupo A consistia em palavras de uso cotidiano e necessárias aos negócios (ex: comer, trabalhar, etc.). Apesar desse vocabulário ser composto por palavras tradicionais, os significados destas eram restritos e tinham apenas um sentido. O grupo B era composto de palavras com significados políticos, geralmente resultantes da fusão de outras palavras. Não existia uma regra etimológica para a construção dessas novas palavras, elas tinham que ser apenas facilmente pronunciáveis. E, por último, o grupo C de palavras abrangia os termos técnicos e científicos.

Com a *novilíngua* era impossível ter opiniões contrárias aos interesses do Partido, pois com a redução do vocabulário e a eliminação de palavras como justiça e liberdade, a população não tinha maneira de se expressar, e quando não existem palavras para descrever um sentimento, é muito difícil conseguir expressá-lo ou efetivá-lo como uma ação.

Corroborando com a intenção primeira deste artigo, de mostrar como essa mesma *novilíngua* criada por Orwell é intensamente utilizada nas sociedades atuais, com fins de dominação política e ideológica, como já previa o escritor indo-britânico, Milton José Pinto (2002) mostra que as práticas sociais de produção, circulação e recepção de discurso são fundamentais na criação, manutenção e mudança das representações, identidades e relações sociais. A análise de discursos procura descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos na sociedade:

“Subestima até que ponto as pessoas são aprisionadas e constringidas por convenções sociais, e na verdade derivam a partir delas suas identidades individuais, dando a implausível impressão de que maneiras convencionais de falar e escrever são 'reinventadas' em cada ocasião em que são usadas pelo falante, ao gerar a estratégia adequada a seus objetivos particulares. E de modo correspondente, superestima até que ponto as pessoas manipulam a fala com propósitos estratégicos” (PINTO apud FAIRCLOUGH, 2002, p. 22).

Partindo desse referencial, este texto vai procurar analisar o discurso utilizado por Hugo Chávez, na Venezuela, e a apropriação deste pela rede de televisão *Televisora Venezolana Social* (TEVES), mostrando que cada vez mais, e isso talvez pelo modo como ele se realiza, o discurso bolivariano está sendo incorporado por uma parcela maior da população. Foucault denomina esse fato de “apropriação social dos discursos” (FOUCAULT, 1996, p. 43):

(...) é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca. Aparentemente, a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra – mais ou menos flexível – de conformidade com os discursos validados. (FOUCAULT, 1996, p. 42)

3. Breve histórico do Movimento Revolucionário Bolivariano (MRB)

O Movimento Revolucionário Bolivariano (MRB) surge em um momento em que o campo da esquerda e em particular o projeto socialista tinha perdido seu peso devido à derrota desse tipo de sistema nos países do Leste Europeu, em especial a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Com isso os EUA tornaram-se uma potência mundial que não encontra contraposição em nenhum outro país do mundo, inclusive se dando o direito de interferir na política interna de outros países, em várias partes do mundo, particularmente nos países menos desenvolvidos. Chávez funda o MRB no início da década de 1980 e seu projeto, primeiramente, pretendia (e pretende) transferir o poder político de um bloco social para outro e realizar transformações profundas na sociedade sob projeto denominado de socialismo bolivariano.

Após a frustrada tentativa do golpe de Estado em 1992, o atual presidente passou cerca de dois anos preso, já fazendo parte do imaginário da população, que via nele a possibilidade de materialização daquilo pelo que almejava como futuro. Depois de solto, em 1994, Hugo Chávez passou a trabalhar nesse projeto político, fundando um partido para enfrentar as eleições de 1998, o Movimento Quinta(V) República (MVR). Ganhou as eleições com mais de 57% dos votos (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/venezuela>) e propôs publicamente a refundação do MRB em 7 de maio de 2001, juntamente com os “círculos bolivarianos”, que se constituem de pequenos grupos populares por meio dos quais deve-se difundir a Constituição, aprovada em 1999, e realizar alguma tarefa concreta em favor de sua comunidade. (HARNECKER, 2003, s/p).

Segundo Marta Harnecker, em seu artigo “Venezuela: uma revolução sui generis”, a revolução pretendida por Chávez é pouco compreendida, inclusive por intelectuais de esquerda, porque rompe com todos os esquemas: é caracterizado como ideologicamente indefinido porque não assume o marxismo como ideologia, seu líder é um militar populista que ainda não conseguiu acabar com a corrupção como se propôs e não levou a cabo transformações econômicas importantes (HARNECKER, 2003, s/p). Ainda de acordo com a autora, existe a consciência dessas dificuldades e para superá-las a pretensão é construir um movimento popular e social com um comando centralizado para reunir as expressões de lideranças estudantil, camponesa, operária, entre outras: “A idéia parece ser que o MRB 2000 se transforme no movimento de movimentos, que aglutine as forças sociais que estão com o processo e que não militem necessariamente em partidos, com o objetivo de organizar a sociedade para a transformação, enquanto o MVR governa”. (HARNECKER, 2003, s/p)

4. O discurso revolucionário

Desde a chegada de Hugo Chávez ao poder, em 1998, ele afirma-se usando o discurso bolivariano, erguendo a bandeira da unidade regional e rechaçando a política norte-americana. Para isso, recupera o discurso bolivariano a partir da figura de Simón Bolívar (além de Simón Rodríguez e Ezequiel Zamora), dando um sentido concreto a um discurso abstrato ao assumir o pensamento deste herói libertador, assim moldado no imaginário da população venezuelana.

Para Rafael Duarte Villa, a apropriação do discurso de Bolívar legitima a autoridade de

Hugo Chávez como ator político: “De todas essas diferenças com a figura populista e carismática tradicional, quiçá a maior contribuição que faz esse ator político individual seja a maneira de construir o discurso e manipular os recursos simbólicos através dos quais tenta dar forma a seu projeto de poder” (VILLA, 2007, s/p). Apesar de o próprio presidente negar o uso dessa forma de discurso como mera retórica, como fez em seu discurso de posse em fevereiro de 1999:

No es entonces mera retórica nuestra bolivarianidad. No. Es una necesidad imperiosa para todos los venezolanos, para todos los latinoamericanos y los caribeños fundamentalmente, rebuscar atrás, rebuscar en las llaves o en las raíces de nuestra propia existencia, la fórmula para salir de este laberinto, terrible laberinto en que estamos todos, de una o de otra manera.¹ (Discurso de Hugo Chávez em 2 de fevereiro de 1999)

Villa também nos mostra que o discurso de Chávez não se limita à figura de Simón Bolívar, ele também se apropria de um discurso cristão, apoiado na religiosidade do povo venezuelano, o que demonstra a funcionalidade de seu discurso: “Yo hago un llamado y es mi primer llamado, como Presidente de Venezuela, a que todos reconozcamos nuestras culpas como hacemos en la Iglesia, Monseñor: 'Por mi culpa, por mi culpa, por mi gran culpa'”². (Discurso de Hugo Chávez em 2 de fevereiro de 1999). Funcionalidade esta que mobiliza a população e permite que o povo faça seu o discurso do presidente, pois a partir dele percebem gestos que defendem seus interesses:

Para vencer é preciso mobilizar. E mobilizar é muito difícil. Os economistas escreveram centenas, milhares de livros sobre como a sociedade precisa de incentivos e interesses para se mexer. Quem não acha esses objetivos comuns, desaparece. Quem os toca com habilidade, controla as forças armadas, desliga canais e peita quem aparecer na frente. (MARON, 2007).

Para alcançar seus objetivos políticos, Chávez, sendo a figura midiática que é, sabe que os meios de comunicação também são necessários para manter o seu discurso forte no imaginário da população, como aconteceu após o golpe de Estado proferido por ele em 1992, em que após sua curta aparição na mídia na qual se responsabilizou pelo golpe e pediu para que os outros revolucionários abandonassem as armas, passou a fazer parte dos sonhos da população, como o homem que veio para defender sua causa. Por meio dos canais públicos e estatais criados por ele, possui agora mais um meio para apresentar suas idéias, sempre através do discurso bolivariano, e dessa forma alcançar seus objetivos.

1 Não é então mera retórica nossa bolivarianidade. Não. É uma necessidade imperiosa para todos os venezuelanos, para todos os latino-americanos e os caribenhos fundamentalmente, procurar atrás, procurar nas llaves ou nas raízes da nossa própria existência, a fórmula para sair deste labirinto, terrível labirinto em que estamos todos, de uma ou de outra maneira. (Tradução livre)

2 Eu faço um chamado e é meu primeiro chamado, como presidente da Venezuela, para que todos reconheçamos nossas culpas, como fazemos na Igreja, Senhor: 'por minha culpa, por minha culpa, por minha grande culpa'. (Tradução livre)

5. Breve histórico do surgimento da *Televisora Venezolana Social* (TEVES)

Em 27 de maio de 2007 acabou a concessão de radiodifusão da *Radio Caracas Televisión* (RCTV), a televisão com a segunda maior audiência da Venezuela, e em seu lugar, no Canal 2, surgiu a fundação denominada *Televisora Venezolana Social* (TEVES). As concessões de serviço público são contratos administrativos através dos quais o Estado transfere para a iniciativa privada a execução de determinados serviços sem perder, contudo, a sua titularidade. Assim, o concessionário é definido apenas como um executor do serviço, no caso, de radiodifusão. Após o término desse contrato é totalmente legal que o Estado não o renove e que o concessionário perca o direito de executar o referido serviço. Diante da não-renovação ocorrida, a concessão do Canal 2 foi cedida a essa fundação. Imediatamente ao fim das transmissões da RCTV, a TEVES, em 28 de maio de 2007, começou as suas transmissões.

Segundo Lil Rodríguez, presidente da nova televisão, em seu discurso no programa que marcou o início das transmissões do novo canal, a TEVES representa uma alternativa ao discurso único das grandes cadeias informativas e pretende representar os princípios fundamentais esperados de um meio de comunicação, quais sejam, a veracidade, a justiça, o respeito e a solidariedade. Em entrevista ao site da Telesur, canal de televisão internacional que apóia Chávez, Líl diz que a nova televisão se apresenta como um canal de serviço público que ressaltará as tradições e a cultura da Venezuela e da América Latina em geral. A diretora deixou claro que os princípios da TEVES serão a ética, a honestidade, o pluralismo e a coerência: “No es nuestro objetivo competir ni atraer a usuarios con base a principios que no se corresponden con nuestra ética ni estrategia como televisora, por eso no nos importa un rating segmentado a los valores contrarios que queremos promover”³. (RODRÍGUEZ, 2007, s/p).

Entre opositores e defensores da nova televisão, que veiculam discursos diferentes, mas não necessariamente opostos, uma vez que os opositores condenam em primeiro lugar a substituição da RCTV por um canal com qualidade inferior, e os defensores se referem em maior grau à ideologia de uma televisão como essa, Fernando Domínguez, vice-reitor da *Universidad Abierta de México* e autor do livro *Filosofía de la Comunicación*, em entrevista à María Mercedes Cobo y Emilce

3 Não é nosso objetivo competir nem atrair usuários com base em princípios que não correspondem à nossa ética e estratégia como televisão, por isso não nos importa uma audiência segmentada aos valores contrários que queremos promover. (tradução livre)

Chacón, no site “*In defense of marxism*”, defende a TEVES, em contrapartida a uma comunicação mercantilizada:

Las comunidades pueden empezar a encontrar sus propios lenguajes, con su acento, con su énfasis con sus prioridades, con sus intereses. No estamos acostumbrados a mirar esa televisión, no estamos acostumbrados a escuchar esa radio, no estamos acostumbrados a leer esa prensa nueva, estamos aprendiendo otra vez. Todavía no hemos visto la mejor comunicación, hasta ahora hemos visto la comunicación mercantilizada, la que convirtió el tiempo en mercancía, la que convirtió las mujeres en mercancía, la que convirtió a la familia en una mercancía, la televisión que hace del mundo un objeto de consumo, cuando eso podamos superarlo conceptualmente, filosóficamente, poéticamente, cuando hayamos dado ese salto cualitativo, que levantemos la calidad del discurso y la calidad narrativa, vamos a ver otra televisión, otro periodismo, vamos a tener que aprender nuevas convicciones incluso narrativas.⁴ (DOMINGUÉZ, 2007, s/p).

Na seqüência, por meio da programação da *Televisora Venezolana Social* e do discurso da sua presidente por ocasião do início das transmissões, será analisado de que modo o discurso bolivariano é utilizado neste meio de comunicação.

6. A “novilíngua bolivariana”

No jogo de poder travado entre a Venezuela bolivariana de Hugo Chávez e seus opositores, não é difícil perceber que a utilização da linguagem é ponto fundamental e exerce a função de manipulação da população. Manipulação esta que pode não ser tão direta, mas que pretende conquistar a população e fazê-la agir de acordo com as intenções de cada um dos lados deste jogo. Afinal, a “corrupção” da linguagem é essencial para a dominação política, se tornando o modo mais fácil e rápido de guiar a mente das pessoas, sem que elas percebam.

De um lado, tanto na Venezuela quanto em todos os demais países ocidentais, um vocabulário composto por palavras como “globalização”, “multiculturalismo”, “empregabilidade”, “pós-modernidade”, “fragmentação” e “flexibilidade” circula aparentemente sem origem na boca de intelectuais de direita e esquerda, além de funcionários governamentais, com o objetivo de

4 As comunidades podem começar a encontrar suas próprias linguagens, com seu tom, com sua ênfase em suas prioridades, em seus interesses. Não estamos acostumados a assistir a essa televisão, não estamos acostumados a escutar essa rádio, não estamos acostumados a ler essa nova imprensa, estamos aprendendo outra vez. Todavia não temos visto a melhor comunicação, até agora temos visto a comunicação mercantilizada, a que converteu o tempo em mercadoria, que converteu as mulheres em mercadoria, que converteu a família em uma mercadoria, a televisão que faz do mundo um objeto de consumo, quando isso podemos superar conceitualmente, filosoficamente, poeticamente, quando tivermos dado esse salto qualitativo, e levantarmos a qualidade do discurso e a qualidade narrativa, vamos ver outra televisão, outro jornalismo, vamos ter que aprender novas convicções inclusive narrativas. (tradução livre)

relacionar a tão falada globalização (ou mundialização), palavra da moda, com conceitos positivos que façam as pessoas acreditarem que eles estão somente a serviço do bem.

De outro, o discurso do presidente Chávez que a todo momento relaciona o nome dos Estados Unidos, o imperialismo e o neoliberalismo com conceitos negativos, com o objetivo de fazer com que o povo passe a fazer essa associação por si só. Somente a título de ilustração, verificamos essa associação em um trecho do famoso discurso do presidente venezuelano na ONU: “(...) la más grande amenaza que se cierne sobre nuestro planeta, la pretensión hegemónica del Imperialismo Norteamericano pone en riesgo la supervivencia misma de la especie humana.”⁵ (discurso em 20 de setembro de 2006).

O discurso de Chávez constantemente liga a revolução ao que é bom, ao mesmo tempo em que vincula os seus opositores ao que é pernicioso. Segundo Carvalho (2006, s/p), essa estratégia proclamada por Chávez trata-se de uma “guerra assimétrica”.

Ela consiste, como explica Jacques Baud em *La Guerre Asymétrique ou la Défaite du Vainqueur* (Éditions du Rocher, 2003), em transformar as derrotas militares em vitórias políticas por meio de um artilheiro psicológico: outorgar a um dos lados, sob pretextos edificantes, o direito incondicional a todos os crimes, a todas as brutalidades, a todas as baixezas, e desarmar o outro por meio de cobranças morais paralisantes. (CARVALHO, 2006, s/p).

Além disso, outras palavras aparecem frequentemente nos discursos do presidente com a intenção de alcançar o projeto de poder, que utiliza a pasteurização discursiva, talvez com o fim de fortalecer um conveniente pensamento homogêneo. Isso porque numa sociedade que pretende construir um sistema de governo identificado como socialismo e converter a população a serviço desse projeto, a linguagem específica utilizada nos discursos dos membros do governo e do *Movimento Revolucionário Bolivariano (MRB)* tem importância fundamental. Assim como com a *novilíngua* de George Orwell em *1984*, que possui características particulares, pretende-se facilitar o domínio sobre a população, o discurso bolivariano de Hugo Chávez na Venezuela também possui algumas características próprias a fim de conquistar o apoio da população.

A *novilíngua* sustenta um discurso político que distorce e disfarça as verdadeiras intenções desse discurso, mostrando a estreita conexão entre a liberdade e a linguagem. Ela busca acabar com o espaço para divergências políticas, religiosas, ideológicas, etc., bem como para opiniões

5 (...) a maior ameaça que ocorre sobre o nosso planeta, a pretensão hegemônica do imperialismo norte-americano põe em risco a sobrevivência da espécie humana. (Tradução livre)

contraditórias e debates intelectuais que caracterizam ambientes democráticos:

(...) abordarei o que considero ser o elemento mais importante da liberdade: a liberdade de expressão e de pensamento. Não há possibilidade de existir qualquer forma autêntica de liberdade que não esteja baseada nestas duas premissas. A linguagem nos distingue dos demais seres da natureza e é a fala, a linguagem, que estrutura o pensamento. Podemos dizer que o homem aprendeu a pensar quando aprendeu a falar. Por isto, os que querem destruir a liberdade sabem que sua primeira tarefa é impedir o homem de usar livremente a linguagem e – conseqüentemente - de pensar. Quem melhor entendeu isto foi George Orwell quando descreveu a importância da *Newspeak* – novilíngua – para criar o duplipensar. Destrua a linguagem e o pensamento será destruído. (PAOLA, 2006, s/p).

Em seu livro *1984*, George Orwell conseguiu de maneira fascinante reunir em três princípios todos os objetivos do partido liderado pelo Grande Irmão: “Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão, Ignorância é Força”. Do mesmo modo como o MRB talvez pretenda reunir todos os seus objetivos em uma única expressão: “poder popular”, ou seja, todo o poder para o povo, princípio básico do referido movimento. Essa expressão é utilizada no nome de todos os ministérios do governo da Venezuela, e exaustivamente nos discursos do presidente e nas falas dos *chavistas*.

Outro exemplo é a utilização do pronome “nosotros” (nós) nos discursos, retórica coletivista usada pelo presidente com a intenção de se enquadrar em todos os círculos, em todas as classes de trabalhadores, fazendo com que a população se identifique com ele e reconheça em sua figura alguém como eles próprios, para assim, outorgar a ele o direito de levar a cabo seus projetos com total apoio de seus “iguais”. Em um discurso de Chávez na inauguração do II Congreso Bolivariano de los Pueblos, verifica-se essa utilização:

y aprovecho entonces para reflexionar y para ratificar que para nosotros los bolivarianos, que para nosotros los suramericanos, que para nosotros los caribeños México será siempre México y siempre estará con la América Latina, con el Caribe y nosotros siempre estaremos con ese México grande, con ese pueblo mexicano.⁶ (grifo nosso) (discurso em 6 de dezembro de 2004)

Como última característica da “novilíngua bolivariana” abordada nesse artigo, destaca-se a utilização repetida de palavras como *hermano* (irmão), *compañero* (companheiro), *fuerza* (força), *lucha* (luta), *batalla* (batalha), *revolucionario* (revolucionário), *revolución* (revolução), mais uma vez com a pretensão de que o povo, ao fazer seu o discurso do presidente, se faça presente na pretendida revolução socialista: “Un encuentro para el debate, un espacio para las ideas, un espacio

6 E aproveito então para reflexionar e ratificar que para nós bolivarianos, que para nós sul-americanos, que para nós caribenhos, o México será sempre México e sempre estará com a América Latina, com o Caribe, e nós sempre estaremos com este grande México, com esse povo mexicano. (Tradução livre)

para la lucha, un espacio para la batalla”⁷. (Discurso de Hugo Chávez em 6 de dezembro de 2004), ou ainda: “Asumamos con coraje y con valentía la tarea de darle cauce a la revolución venezolana de este tiempo o la revolución nos pasa por encima, tenemos dos alternativas, son dos opciones que tenemos: o le damos cauce a esa fuerza o esa fuerza nos pasa por encima.”⁸ (Discurso de Hugo Chávez em 2 de fevereiro de 1999).

A título de exemplificação, percebe-se a apropriação da novilíngua bolivariana desde os nomes de alguns programas da TEVES, como “*El chef del pueblo*” e “*Un paso adelante*”, este último que parece transmitir alguma forma de esperança pelo futuro que está por vir; até no discurso da presidente por ocasião do juramento da abertura do canal e no início das transmissões da referida emissora.

Na abertura do canal, Líl Rodríguez proferiu um discurso sentimental (como não poderia deixar de ser) e cheio de expressões que comprovam o que se falou até aqui. Destacam-se alguns trechos que mostram a exaltação da pátria e do povo, mostrando para a sociedade, ou fazendo-a acreditar, que todos os propósitos da TEVES são dirigidos para o seu bem comum, da mesma maneira como faz o presidente Hugo Chávez:

Mi saludo de esta hora, como mi saludo de siempre va dirigido en primera instancia, y permídenme las autoridades gubernamentales que me acompañan, a mi pueblo, a mi pueblo, el que dirigirá los destinos de la naciente televisora, porque soy hechura de su llanto, de sus logros, de sus imperfecciones.

De mi patria nací y para mi patria vivo, afortunadamente rodeada del afecto de mi pueblo (y defínanse en él los sólo los dignos) con el sol a medio cielo.

TVes. Podemos conjugarlo en tiempo verbal sin afectar a la academia: Yo me veo, tú te ves, él se ve, nosotros nos vemos... ellos... se ven. Así somos. Nos estamos autos salvando.⁹

7 Um encontro para o debate, um espaço para as idéias, um espaço para a luta, um espaço para a batalha. (Tradução livre)

8 Ou assumimos com coragem e com valentia a tarefa de dar causa à Revolução Venezuelana deste tempo, ou a revolução passa por cima de nós. Temos duas alternativas, são duas opções que temos: ou damos causa a essa força ou essa força passa por cima de nós. (Tradução livre)

9 Meu cumprimento de agora é dirigido, como meus cumprimentos sempre são dirigidos em primeira instância, e perdoem-me as autoridades governamentais que me acompanham, ao meu povo, ao meu povo, aquele que dirigirá os destinos da televisão que está nascendo, porque hoje sou resultado de seu pranto, de seu êxito, de suas imperfeições.

Da minha pátria nasci e para minha pátria vivo, felizmente rodeada do afeto do meu povo (e definam-se assim somente os dignos), com o sol a meio céu.

Teves. Podemos conjugá-lo em tempo verbal sem afetar a academia: eu me vejo, tu te ves, ele se vê, nós nos vemos... eles... se vêem. Assim somos. Estamos nos salvando a si próprios. (Tradução livre)

7. Considerações Finais

Através deste estudo foi possível verificar que o atual governo do Estado Bolívariano de Venezuela vem criando uma linguagem própria, a fim de conquistar o principal aliado que necessita para concretizar seu projeto: o povo.

É imprescindível dizer que o mérito das propostas políticas do presidente da Venezuela, assim como suas intenções, não foi discutido neste trabalho. A intenção foi de realizar tão-somente uma análise objetiva de seu discurso, sem julgar suas intenções, principalmente porque o objeto é recente e ainda não está totalmente amadurecido. Somente em um futuro próximo será possível evidenciar se essa linguagem é utilizada hoje com fins de dominação política, a favor de um totalitarismo no país, ou, ao contrário, apenas porque esse foi o modo encontrado para construir um pensamento revolucionário para os venezuelanos, visando a construir um socialismo verdadeiramente em favor do povo. O que é possível afirmar com maior propriedade é que essa linguagem diferenciada existe e é propositadamente utilizada para conquistar e manter o apoio da população.

Essa linguagem possui características que remetem às da *novilíngua* apresentada na obra *1984*, pois parece que pretende moldar uma sociedade sem espaço para divergências ideológicas, com a utilização de expressões que unificam o pensamento e pretendem garantir a estabilidade do Estado. É claro que esses objetivos são muito mais facilmente alcançados com a utilização da mídia de massa em favor do projeto, por isso, esse trabalho possibilitou perceber que essa linguagem é utilizada também pela nova televisão (TEVES), que tem a pretensão de auxiliar o Estado, personificado em Hugo Chávez, na construção de um imaginário definido por si mesmo como redentor e revolucionário.

8. Referências

CARVALHO, O. O paradoxo esquerdista. Diário do Comércio. São Paulo, 07/08/2006. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/060807dc.html>>. Acesso em: 24/06/2007.

CHÁVEZ, H. Discurso na ocasião de sua posse em 2 de fevereiro de 1999. Disponível em: <<http://analitica.com/bitblioteca/hchavez/toma.asp>>. Acesso em: 03/07/2007.

CHÁVEZ, H. Discurso de inauguração do II Congreso Bolivariano de los Pueblos em 6 de

dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.congresobolivariano.org/IIcongreso/index_congreso.htm> Acesso em: 29/06/2007.

CHÁVEZ, H. Discurso na ONU em 20 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/09/360863.shtml>>. Acesso em: 29/06/2007.

DOMÍNGUEZ, F. B. A. Entrevista al dr. Fernando Buen Abad Domínguez. Disponível em: <<http://www.marxist.com/entrevista-fernando-buen-abad-dominguez.html>> Acesso em: 22/06/2007.

FOUCAULT, M. *Análise do discurso*. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HARNECKER, M. Venezuela: uma revolução *sui generis*. Intervenção Seminário de LAC, Fórum Social Mundial, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/martah/suigenp.rtf>>. Acesso em: 20/06/2007.

MARON, A. *Enquanto isso na Venezuela...* Disponível em: <<http://www.alexmaron.com.br/2007/05/28/enquanto-isso-na-venezuela/>>. Acesso em: 25/06/2007.

ORWELL, G. 1984. 29ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

PAOLA, H. Discurso de abertura do Seminário sobre Democracia Liberal (2006). Disponível em: <<http://www.midiase mascara.com.br/artigo.php?sid=4903>>. Acesso em: 24/06/2007.

RODRÍGUEZ, L. Presidenta de TVes afirma que el canal será competitivo sin hipotecar su contenido. Entrevista. Disponível em: <<http://www.telesurtv.net/secciones/noticias/nota/index.php?ckl=12302>>. Acesso em: 22/06/2007.

RODRÍGUEZ, L. Discurso de juramentação em 21 de maio de 2007. Disponível em: <http://archivos.minci.gob.ve/doc/discurso_de_lil_rodriguez_en_l.doc>. Acesso em: 22/06/2007.

VILLA, R. D. *O chavismo na Venezuela: entre a continuidade e a ruptura com as elites*. Disponível em: <<http://www.casla.com.br/artigos/art2.html>>. Acesso em: 25/06/2007.